

Algumas considerações acerca da maquinaria husserliana e seu projeto fenomenológico

Some considerations concerning the husserlian machinery and his phenomenological project

Alex Fabiano Correia JARDIM¹

“Os tormentos da obscuridade, da dúvida que vacila de um para o outro lado, já bastante os provei. Tenho de chegar a uma íntima firmeza. Sei que se trata de algo grande e imenso; sei que grandes gênios aí fracassaram; e, se quisesse com eles comparar-me, deveria de antemão desesperar...”

Husserl

Resumo

A proposta do texto é discutir alguns conceitos fundamentais da fenomenologia de Husserl e suas implicações na afirmação de uma filosofia do sujeito ou da consciência. Ao tratar do tema, Husserl pensa o problema do transcendental a partir da idéia de consciência e a constituição do mundo ou dos estados de coisas enquanto resultado de uma designação ou produção de sentido imanente à própria consciência que se apresenta enquanto intencionalidade. Um dos principais objetivos de Husserl é instituir a consciência enquanto doadora de sentido e para tal, ele elabora uma grande maquinaria conceitual que servirá de suporte para todo seu trabalho.

Palavras-chave: fenomenologia, consciência transcendental, sujeito, sentido.

Abstract

The text's offer is to discuss some primordial conceptions of the Husserl's phenomenology and his implications in the affirmation of a philosophy of the subject or of the conscience. By the treat of the theme, Husserl thinks the problem of the transcendental by the start of the idea of conscience and the organization of the world or of the states of things white result of a designation or production of sense immanent to the owner conscience that introduces itself white intentionality. One of the Husserl's objectives main is to institute the conscience white gives of the sens and for that, he elaborates a big machinery conceptual that will serve of support for all his work.

Keywords: *phenomenology, conscience transcendental, subject, sense.*

⁽¹⁾ Professor de História da Filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros, MG. Aluno do Programa de Doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos, SP, sob orientação do Professor Doutor Bento Prado de Almeida Ferraz Júnior. Bolsista FAPEMIG. Parte deste texto é referente à tese de doutorado a ser apresentada. E-mail: <alfaja@hotmail.com>

Introdução

Quando Husserl trata do tema da filosofia do sujeito, ele inicia em sua obra *Filosofia da Aritmética* - 1891- um longo percurso em direção à elaboração de um método que propicie verdades claras acerca do mundo, num esforço por analisar as categorias matemáticas. Nesta obra, conclui Husserl que mesmo os conceitos objetivos não podem ser compreendidos sem levar em conta as operações subjetivas às quais se chega ao ser. Podemos observar que a maneira de Husserl tratar o sujeito é largamente influenciada pela psicologia, mas trata-se, todavia, numa primeira tentativa de uma investigação que coloca em jogo ao mesmo tempo os elementos objetivos e subjetivos. Nesta obra aparece a discussão inicial do método fenomenológico, modificado posteriormente, pouco a pouco a partir das implicações que o envolve. Segundo SCHÉRER (1982) “a história dos anos que Husserl passou em Halle, de 1887 a 1901, é a de uma lenta emancipação. Época de trabalho intenso e difícil, marcada por batalhas teóricas a sustentar, a primeira e mais importante das quais se seguiu à publicação, em 1891, da *Filosofia da Aritmética*.”

Na obra *Investigações Lógicas* (1900 e 1901), Husserl rompe com a influência do psicologismo que pretendia fundamentar a lógica e a filosofia na psicologia experimental². É nesta obra que Husserl começa a ver a análise subjetiva não mais como um complemento necessário da análise objetiva, mas diferentemente, que é impossível se chegar a qualquer tipo de certeza necessária e universal sem a idealidade das significações. As regras lógicas que devem dar as diretrizes para o fundamento da verdade, ou seja, do “como” é possível alcançar a objetividade, numa remissão da lógica à unidade da experiência (do Eu): reconduzir a experiência à subjetividade, clarificação do juízo via intuição, investigar a

esfera da própria intuição, determinar as condições de preenchimento das próprias intuições dos indivíduos. Com isso, Husserl pretende aproximar a noção de sentido ao problema das regras e numa afirmação bastante corajosa, traçar um novo sentido do subjetivo, tal qual nunca tinha sido pensando antes.

“(…) A fenomenologia nasce da certeza de que toda filosofia moderna permaneceu cega em relação ao verdadeiro significado do subjetivo, apesar do rótulo de “filosofias da subjetividade”. Ela nasce da certeza de que esse domínio do “subjetivo” é inédito o suficiente para não ter sido vislumbrado por ninguém. A vida subjetiva em sua essência própria – dirá Husserl – nunca foi estudada. O subjetivo nunca foi investigado, apreendido ou concebido. E Descartes não foi o único a ser cego em relação a ele. Locke e seus sucessores também não o vislumbraram. Nem mesmo a filosofia Kantiana o entreviu, apesar de seu projeto de retornar “às condições de possibilidade subjetivas do mundo experimentável e cognoscível”. Nenhuma filosofia jamais tomou como tema o “reino do subjetivo” e, por isso, nenhuma delas verdadeiramente o descobriu, mesmo que ele opere em toda experiência, em todo o pensamento e em toda vida” (HUSSERL apud MOURA: 2001, p.214)

Entre 1906 e 1908, Husserl dá um curso de Filosofia em Göttingen. Título do curso: *A Idéia de Fenomenologia*. Este curso só foi publicado postumamente, em 1950. Segundo Walter Biemel, este curso proporciona na obra de Husserl o que ficou conhecido como “virada idealista”, corrigindo a impressão de que somente nas *Idéias para uma*

² “O que nas minhas “Investigações Lógicas” se designava como fenomenologia psicológica descritiva concerne à simples esfera das vivências, segundo o seu conteúdo incluso. As vivências são vivências do eu que vive, e nessa medida referem-se empiricamente às objectidades da natureza. Mas, para uma fenomenologia que pretende ser gnoseológica, para uma doutrina da essência do conhecimento (a priori), fica desligada a referência empírica. Surge assim uma fenomenologia transcendental, que foi efectivamente aquela que se expôs em fragmentos, nas “Investigações Lógicas”. (Husserl B.II. Husserliana apud BIEMEL, p.14).

Fenomenologia Pura... Husserl se dirigiu ao idealismo³. Para muitos, esta virada correspondia uma queda na especulação e uma ferida nos princípios anteriores, ou seja, “as regras lógicas deveriam nortear o fundamento da verdade”.

Considerada por muitos a sua obra mais importante, *Idéias para uma fenomenologia pura e uma filosofia fenomenológica* (1913 - resultado da “virada idealista”), é a primeira tentativa para realizar uma fenomenologia universal. Nesta obra ele sistematiza o conceito de redução via epoché (suspensão do juízo do mundo - colocar o mundo entre parênteses) e nos apresenta o problema da intencionalidade como elemento de justificação última de toda objetividade.

Em 1929, Husserl, já aposentado e substituído por Heidegger, seu discípulo, deu em Paris duas conferências que futuramente se transformou numa de suas mais conhecidas obras: *Meditações Cartesianas*, publicada em francês em 1931 e que só após a morte do autor foi publicada em alemão (depois de 1950).

Algumas peças da maquinaria husserliana

Quando Husserl afirma em sua *Fenomenologia* que *consciência é sempre consciência de algo...* Ele monta um esquematismo entre consciência e objeto. Quando eu afirmo que a minha consciência é consciência de algo há nela uma intencionalidade, um dinamismo, uma direção. A partir da minha intencionalidade eu chego à idéia de fenômeno, isto é, àquilo que se apresenta à minha consciência, num tipo de existência ideal do conteúdo do meu juízo. Mas fenômeno, no caso de Husserl, não podemos chamar o objeto de fato, na sua empiricidade. O que interessa a Husserl neste caso, e aqui é surpreen-

dente o seu pensamento, é o transcendental do objeto, como se fosse um elemento irreal, mas que encerra o seu sentido. É o Noema do objeto, seu sentido objetivo e que diz respeito ao seu significado. Tornar o objeto evidente para Husserl é realizar a apreensão imediata do sentido noemático. Neste caso, não há mistério algum nos estados de coisas, no mundo. Tudo é provido de sentido, de significado. Se a minha consciência é doadora de sentido, tudo o que existe num determinado objeto é possível de ser entendido e explicado, dado que seu sentido será remetido à minha consciência. Chamaremos a isto de processo de reciprocidade. Jamais se pode afirmar que há na consciência um “grande vazio”, um espaço destinado a ser ocupado. Não há em Husserl a noção de consciência vazia. Ela deve ser preenchida pelos conteúdos do objeto. Seus noemas. Assim teremos a subjetividade transcendental como condição da objetividade. Vejamos o que ele nos diz num dos arquivos da Husserliana, aqui traduzido por Walter Biemel na introdução da obra *A idéia da fenomenologia*:

“A fenomenologia transcendental é fenomenologia da consciência constituinte e, portanto, não lhe pertence sequer um único axioma objectivo (referente a objectos que não são consciência...). O interesse gnoseológico, transcendental, não se dirige ao ser objectivo e ao estabelecimento de verdades para o ser objectivo, nem, por conseguinte, para a ciência objectiva. O elemento objectivo pertence justamente às ciências objectivas, e é afazer delas e exclusivamente delas apenas alcançar o que aqui falta em perfeição à ciência objectiva. O interesse transcendental, o interesse da fenomenologia transcendental dirige-se para consciência enquanto consciência vai somente para os

⁽³⁾ Segundo Walter Biemel, o texto “A idéia de Fenomenologia” correspondem a Cinco Lições pronunciadas por Husserl em Gotinga, de 26 de abril a 2 de maio de 1907. Elas indicam inequivocamente quando procuramos entender em que momento da evolução espiritual de Husserl elas surgiram, que viragem no seu pensamento representam. Nas Cinco Lições, exprimiu Husserl pela primeira vez em público estas idéias, que haviam de determinar todo o seu pensamento ulterior. Nelas oferece uma clara exposição tanto da redução fenomenológica como da idéia fundamental da constituição dos objetos na consciência.

fenômenos, fenômenos em duplo sentido: 1) no sentido da aparência (*Erscheinung*) em que a objectividade aparece; 2) por outro lado, no sentido da objectividade (*Objektivität*) tão só considerada enquanto justamente aparece nas aparências e, claro está”, transcendentalmente”, na desconexão de todas as posições empíricas...” (Id. *Ibidem*).

Segundo Husserl, qual o sentido do mundo exterior fora da dimensão egológica? A existência, o ser, é uma camada de significação no sentido objetivo total, uma característica de ser que necessita ser constituída transcendentalmente como qualquer outra camada significativa. Em lugar da idéia de representação, Husserl fala de imanência transcendental: tudo que há é subjetivo como se num extenso plano de horizontes, todo o movimento e dinamismo fossem determinados pelo sujeito. Por uma consciência transcendental. Este é o ponto nevrálgico do pensamento husserliano que nos levará ao problema do sentido e da significação. O modo de ser do sujeito é a sua idealidade. Lá está a significação. Ela é o meio idealizador por meio do qual se tem acesso à realidade. Salientamos aqui que quando Husserl fala acerca de significação do objeto, ele não está interessado simplesmente com o objeto em sua empiricidade. Preocupar-se com esta perspectiva é apresentar um conhecimento do tipo “natural” determinada por uma “atitude dogmática”, como ele bem atesta em vários momentos de sua obra, em especial na obra *A Filosofia como ciência do rigor* (1911).

A Fenomenologia não pretende fazer uma descrição objetivista/natural do mundo real, do contrário, pretende realizar uma ciência das significações que não diz respeito ao mundo real do senso comum. Preocupa-se exclusivamente com o objeto que é significado e no modo em que ele é significado (o modo garantirá a Husserl a certeza da verdade acerca do objeto significado - uma investigação da própria intuição e determinação das condições de preenchimento das próprias intuições). Anterior às próprias significações, deverá existir, segundo Husserl, regras

para a constituição do juízo. Um tipo de gênese do entendimento da intencionalidade, ou seja, entender porque a minha consciência é sempre consciência de algo e as garantias de verdade no itinerário entre essa consciência e esse algo. Isso está bastante claro em sua obra *Lógica Formal e Lógica Transcendental*, “a idéia do objeto, assim, nada mais é do que a evidência do objeto, ou seja, sua constituição racional mesma” (HUSSERL: 1957). Indicamos também a leitura da *Terceira Meditação – Os problemas constitutivos-Verdade e Realidade*. (Idem: 2001, 72-80). Posteriormente, Husserl nos dirá que a fenomenologia não tem a preocupação de explicar a realidade de maneira descritiva. A pretensão é entender e explicar como dizer o mundo tal como ele aparece em minha consciência (tarefa de uma lógica transcendental): Segundo Husserl:

“Fica claro que só se pode extrair a noção da verdade ou da realidade verdadeira dos objetos a partir da evidência; é graças apenas a ela que a designação de um objeto como realmente existente, verdadeiro, legítimo e válido - seja qual for sua forma ou espécie - adquire para nós um sentido, e o mesmo se dá em relação a todas as determinações que - para nós - lhe pertencem verdadeiramente. Qualquer justificação provém da evidência e, em consequência, encontra sua fonte em nossa própria subjetividade transcendental” (M.C. p. & 26, p.76)

Teremos aí duas questões: Como esse mundo pode ser expresso já que ele foi reduzido pela lógica transcendental à minha consciência (risco do solipsismo - solidão do eu?). É possível falarmos de uma imanência da vida da consciência em Husserl, sem necessariamente ocorrer uma negação do mundo? Como posso tornar a linguagem uma maneira clara de expressão do sentido puro do mundo? Como podemos garantir que a constituição que nos revela a estrutura íntima dos objetos é uma síntese da intencionalidade? Rapidamente, ressaltamos que a obra de Husserl fica ziguezagueando num “entrar e sair” do

solipsismo. Um tipo de dança, que se de início nos confunde, posteriormente vai se clareando e ele vai suprimindo a oposição entre consciência e mundo. Logo, somos levados a entender, o que não é possível devido uma leitura apressada, que Husserl não afirma sistematicamente um solipsismo⁴. Basta nos atermos com cuidado à última das *Meditações Cartesianas* a qual Husserl, já no título nos chama a atenção: *Determinação do domínio transcendental como "intersubjetividade monadológica"*.

O objeto que me aparece a partir de uma intencionalidade se dá à minha consciência noética em estado puro (noema - unidade referente do objeto que vem à presença). Essa presença do objeto em seu estado de pureza podemos chamar de "presente vivo" na subjetividade constituinte na imanência da consciência (*Erlebnis - fluxo dos vividos*), portadora da qualidade de realização de uma síntese unificadora da forma material dos objetos que é designado em sua primeira apresentação. Husserl pretende se afastar da noção de consciência vazia, chamando a atenção sobre a impossibilidade de um objeto que não pode ser pensado. Não existe um mistério, algo nebuloso num objeto que nunca poderemos alcançar. Se a minha consciência é doadora de sentido, tudo o que existe num determinado objeto é possível de ser entendido e explicado. O "em-si" é pensado por Husserl como objeto puro — "sem exterior, sem fora". Herdeiro de uma filosofia do sujeito, Husserl não poderia "limitar" o sujeito-doador, chamado de subjetividade transcendental ao mundo, aos objetos empíricos. Ela é sempre constituinte a partir do qual se dá as possibilidades da objetividade (leis da lógica formal e da lógica transcendental). Nesse caminho, ele se afasta da idéia de representação ou de um tipo de dependência em relação ao mundo, isto é, pensar o mundo apenas como reconhecimento. Desta maneira, garante os fundamentos para uma filosofia rigorosa.

(*Idéias diretrizes para uma filosofia pura, Meditações Cartesianas e Filosofia como ciência do rigor* são obras que tratam deste problema).

Husserl nos convida para um pensamento racional acerca do Ser, que sem excluir o objeto fático, nos conduz da realidade do objeto reduzido (redução eidética), à idealidade transcendental. O objeto só tem sentido para uma consciência transcendental que mesmo afirmando o posicionamento de um significativo localizado na figura de um sujeito, jamais pode perder de vista a objetividade das estruturas do objeto. O mundo dos objetos me remete a um horizonte geral da minha experiência e qualquer coisa envolvida neste horizonte traz já, o horizonte do mundo. "*Na singularização e na descrição dessa estrutura, o objeto intencional situado do lado do cogitatum desempenha - por razões fácies de se depreender - o papel de um guia transcendental*" (HUSSERL, 2001:67).

O que caracteriza o "fenômeno" enquanto intencional é facultar esse jogo de remissões em que cada parte remete a outra parte e depois ao todo. É pela estrada desses horizontes dos fenômenos que o sentido se dá. Desta maneira, fenômeno e sentido estão juntos e são comunicáveis. Esse é o mundo noemático, mundo da significação.

A originalidade de Husserl está na elaboração de sua filosofia transcendental a partir do entendimento de que é na consciência pura que se encontra o ser absoluto doador de sentido a toda transcendência. Sendo assim, não podemos separar o conceito de filosofia transcendental da noção de racionalidade, agora compreendida enquanto intenção, ação, dinamismo. É essa intenção que dá sentido ao mundo, numa reciprocidade entre consciência (noética, racional) e objeto. O sujeito doa sentido ao objeto, mas o objeto é o elemento constitutivo do sujeito,

⁴ Na Segunda Meditação Cartesiana: *O campo de experiência transcendental e suas estruturas gerais*, Husserl nos esclarece: "Como noviços em filosofia, não podemos nos deixar intimidar por dúvidas desse tipo. A redução ao eu transcendental talvez não tenha mais que a aparência de um solipsismo, o desenvolvimento sistemático e conseqüente da análise egológica nos conduzirá talvez, muito pelo contrário, a uma fenomenologia da intersubjetividade transcendental e - dessa forma - a uma filosofia transcendental em geral. Veremos, com efeito, que um solipsismo transcendental não passa de uma escala inferior da filosofia, e que é preciso desenvolvê-lo como tal por razões metódicas, notadamente para colocar de maneira conveniente os problemas da intersubjetividade transcendental (HUSSERL, 2001:48)".

como função de preenchimento. Enfim, ambos se implicam. Desta maneira, no momento em que há doação de sentido, constitui-se o significado do objeto, e esse ato constituinte é essencial para a constituição da subjetividade transcendental como aquela unificadora de vivências, descrevendo a estrutura universal dos modos de consciência possíveis desses objetos via “entidades categoriais”, que segundo Husserl, “manifestam uma origem que provém de “operações” e de uma atividade do eu que as elabora e as constrói passo a passo (Husserl, 2001:68)”.

O pensamento de Husserl contribui decisivamente com um debate que se iniciou no século XVII que foi a descoberta do cogito, da sua identidade enquanto consciência, consolidando noções como: interioridade, essência, ego, etc. Podemos dizer que Husserl vai se situar na tradição filosófica como “devedor” do pensamento moderno, basta vermos a introdução das *Meditações Cartesianas*, quando Husserl assume a sua dívida para com Descartes em uma conferência dada na Sorbonne⁵. O que não o impede de assumir também, a seu modo, o desenvolvimento de uma crítica. Melhor dizendo, quando ele radicaliza as exigências do cartesianismo, adentra na contemporaneidade filosófica. Importante salientar aqui uma ligação interna de várias obras de Husserl no que se refere a uma crítica à ciência européia. São obras que pertencem a temporalidades diferentes, mas, que admitem uma crise nos valores da ciência. Basta observarmos as suas colocações logo na introdução de três obras importantes: *Meditações Cartesianas*, *A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental* e *A crise da humanidade européia e a Filosofia*. Fica claro para Husserl uma preocupação em torno da tradição do pensamento ocidental. Há um risco evidente de que a Razão seja esquecida em função de “irracionalismos”. Como nos fala PELIZOLLI (2002) “para ele, está em questão não só o destino da filosofia, mas da Europa, da humanidade, na medida em que a primeira é a sua raiz, seu

centro e sentido teleológico último, o sentido que a razão tomou a punho”. E para sairmos de tal crise que se instaura na filosofia, Husserl nos mostra a condição, recorreremos a Descartes: “Não é o momento de fazer reviver seu radicalismo filosófico?” (Id.Ibidem:23).

“Em nossos dias, a nostalgia de uma filosofia viva conduziu a muitos renascimentos. Perguntamos: o único renascimento realmente fecundo não consistiria em ressuscitar as *Meditações cartesianas*, **não, é claro, para adotá-las integralmente**, mas para desvelar já de início o significado profundo de um retorno radical ao ego cogito puro, e fazer reviver em seguida os valores eternos que dele decorrem? É, pelo menos, o caminho que conduziu à fenomenologia transcendental. Esse caminho vamos percorrer juntos. Como filósofos que buscam um primeiro ponto de partida e não o têm ainda, vamos tentar meditar à maneira cartesiana. Naturalmente, observaremos uma extrema prudência crítica, sempre prontos a transformar o antigo cartesianismo toda vez que a necessidade disso se fizer sentir. Devemos também trazer à luz certos erros sedutores dos quais nem Descartes nem seus sucessores souberam evitar a armadilha (Id.Ibidem: 23-24)”. (Grifo nosso).

Poderíamos dizer que Husserl se coloca claramente enquanto um neocartesiano e ao mesmo tempo como um anticartesiano (falamos de anticartesiano porque ele pretende levar ao extremo o método da dúvida através da “redução fenomenológica”). Não se pode falar de fenomenologia sem referência a noção de redução. É ela quem permite a realização de uma filosofia autêntica, fundada sobre “princípios universais”. É com a redução fenomenológica que segundo Husserl, somos “libertados do mundo” como “úni-

⁽⁵⁾ “Sinto-me feliz de poder falar da fenomenologia transcendental nessa honrável casa dentre todas por onde floresce a ciência francesa. Tenho para isso razões especiais. Os novos impulsos que a fenomenologia recebeu devem-se a René Descartes, o maior pensador da França. É pelo estudo das suas *Meditações* que a nascente fenomenologia transformou-se em um novo tipo de filosofia transcendental. (HUSSERL: 2001, 19)”.

co” caminho para o conhecimento. Na verdade, o mundo para Husserl é de uma enorme incerteza e indeterminação. O que vale uma feroz crítica à toda filosofia naturalista, como ele deixa bem claro em várias obras, em especial, ressaltamos o texto “*A filosofia como ciência do rigor*”. A redução fenomenológica é a responsável metodologicamente na relação consciência-mundo por proporcionar ao sujeito as condições necessárias (enquanto consciência constituinte da síntese ativa) em dar sentido ao mundo. Quem sabe poderíamos afirmar sem medo de errar que redução fenomenológica e filosofia transcendental se confundem. Conquista de Husserl que lhe dá a garantia ou condições para pensar “àquilo que aparece em minha consciência”. Também poderíamos tratar a redução como um tipo de depuramento: só é possível pensar o mundo como significação apenas pela consciência e o objeto enquanto correlato dos atos da consciência intencional, proporcionando ao sujeito o atributo de “ver o objeto”.

A redução fenomenológica proporciona a expressividade do sentido de mundo. Algo que poderíamos denominar como a busca de um tipo de unidade que diz respeito ao conhecimento do mundo. Não estamos falando de um dualismo entre essência e acidente com seus atos fortuitos e dispersos que não podem mais explicar a realidade. Em tudo está em jogo a idéia de totalidade, de unidade, de mundo. Esta exigência interna do pensamento de Husserl é devido ao que ele chama de “crise das ciências européias”, conseqüentemente, uma crise da razão e nos fundamentos da ciência. Talvez possamos considerar de caráter humanista a preocupação husserliana. Vejamos a sua fala que efetivamente tem um caráter de “chamamento” para uma vitalidade da filosofia européia:

“A crise da existência da Europa só tem duas saídas: ou a Europa desaparece, ao tornar-se sempre mais estranha à sua própria significação racional, que é o seu sentido vital, e afundar-se-á no ódio ao espírito e na barbárie; ou, então, a Europa renascerá do espírito, graças a um heroísmo

da razão que ultrapassará definitivamente o naturalismo. O maior perigo que ameaça a Europa é a lassidão. Combatamos este perigo dos perigos como “bons Europeus”, animados por essa coragem que mesmo um combate infinito não assusta. Então, da chama destruidora da incredulidade, do fogo onde se consome toda a esperança na missão humana do Ocidente, das cinzas da pesada lassidão, ressuscitará a Fênix de uma nova interioridade viva, de uma nova espiritualidade; será para os homens a secreta promessa de um futuro grande e duradouro: pois só o espírito é imortal (HUSSERL apud RICOEUR: 1950, p.257-258)”.

Interessa a Husserl restaurar o sentido da razão e a verdadeira filosofia, para isso é uma exigência pensar a subjetividade enquanto o solo e/ou o terreno de todos os conhecimentos. Assim sendo, a razão é entendida enquanto autêntica e autônoma, dispensando-se qualquer forma de relativismo. Tal preocupação já aparece inicialmente nas *Investigações Lógicas* (mesmo que de maneira um pouco ingênua e temporária) onde se é possível estabelecer regras provenientes da normatização de regras e leis - proposições e enunciados -.

“Ora, é a idealidade da verdade que constitui a sua objectividade. Não é um facto contingente que uma proposição pensada hic et nunc concorde com um estado de coisas dado. Esta relação diz respeito, pelo contrário, à significação idêntica da proposição e ao estado de coisas idêntico. A “validade” ou “objectividade” (ou, consoante ao caso, a “não-validade”, “a ausência-de-objeto”) não cabe ao enunciado enquanto tal vivido temporal, mas ao enunciado *in specie*, ao enunciado (puro e idêntico) 2 x 2 são 4, e outros do mesmo gênero (HUSSERL apud KELKEL et SCHÉREUR: 209-211)”.

Preocupando-se menos com o problema de uma “crítica à relatividade”, e continuando o interesse em buscar o sentido da razão, na *Lógica Formal e Transcendental* (onde Husserl de certa maneira acredita que a verdade permanece vinculada a “relatividades”), ele admite que toda a verdade tem um amplo e inesgotável⁶ horizonte, podendo incidir sobre as *Investigações Lógicas* como um tipo de subversão. Isso não se nega. Apesar de neste instante falarmos de um “outro” relativismo, segundo MOURA (2001), agora sancionado pela própria fenomenologia, certamente distinto do antigo “relativismo cético”, mas não menos proibido pela doutrina das *Investigações Lógicas*.

Quando Husserl se propõe uma radicalização do cartesianismo, uma questão “salta” imediatamente: Qual é o sentido do problema do sujeito? Para isso, não podemos pensá-lo numa mera oposição entre “exterioridade” e “interioridade”. Isso se torna um impedimento para se compreender verdadeiramente o que é o subjetivo como modo de doação seguindo-se da consideração da objetividade do ponto de vista transcendental. O subjetivo ou o sujeito surge como ponto nevrálgico em Husserl a partir da consideração acerca do sentido e da significação. Desta forma, o modo de ser do sujeito é a sua “idealidade”. Lá está a significação – ela é o meio ideal por onde se tem acesso à realidade. Sendo assim, notamos que Husserl se preocupa exclusivamente com o objeto que é significado e no modo como ele é significado. O modo como o objeto se apresenta na consciência (enquanto conteúdo noemático) garantirá a certeza da verdade do objeto significado.

O objeto está condenado a existir somente a partir de significações determináveis e variáveis. Vê-se a importância do papel da Fenomenologia que é reconhecer o subjetivo e as significações infinitas dos

objetos, não como adequação, isto pode ser tranquilamente dito. Tal pensamento é esquecido em função dos “modos subjetivos” de doação de sentido, caracterizando uma dinâmica no que diz respeito à constituição e organização do mundo.

Para Husserl, a intencionalidade é o grande diferencial em se tratando do problema do conhecimento e da constituição do mundo. Ela libera a idéia de objeto, dando a este um juízo claro. Ela é a tendência constitutiva da consciência para o objeto. É pela intencionalidade que se dá uma descrição realista de uma lógica idealista. E esta lógica origina-se pela subjetividade transcendental que se encaminha para uma finalidade que é a do objeto como ponto de chegada. Não falamos aqui do objeto segundo a compreensão dada pelo senso comum. De agora em diante, num olhar fenomenológico, o objeto é posto em suspensão (*epoché*). A sua existência, como “ser” denomina-se enquanto significação que é dada transcendentalmente pela experiência metódica da “redução”. Neste caso, quando Husserl fala da relação consciência e objeto, ele indica exatamente uma correlação consciência – sentido objetivo. Tal perspectiva deixa claro que a consciência é sempre “consciência de algo”, logo, um “ato de doação de sentido”.

A empreitada da fenomenologia é explicar como “dizer o mundo”, “o ser”. Como ele aparece em minha consciência. Quais as significações do mundo e como ela acontece independente de uma relação imediata com o “mundo dos objetos empíricos”. Sendo assim, podemos dizer que a fenomenologia se coloca como uma ciência dos sentidos via intencionalidade que funcionará como se fosse uma “ligação” com o mundo. Mesmo que Husserl considere toda a importância dada à lógica formal (ele nunca negará a sua necessidade, encarando-a como

⁶ Segundo Carlos Alberto Ribeiro de Moura, para Husserl, a “verdade em si” que surgia alegremente nas *Investigações* será descrita como uma “pressuposição ingênua”. Trata-se de duas faces de uma mesma moeda: a verdade em si é uma “pressuposição ingênua” da doutrina que “constrói” a evidência como uma pretensa “apreensão absoluta” do verdadeiro. Para a fenomenologia de 1929, simplesmente não existe mais aquela evidência que traria a verdade a uma “doação real”. E isso porque, a partir de agora, Husserl compreenderá aquela antiga verdade em si como uma “idéia situada no infinito”, logo nunca passível de nenhuma “doação real” (...). “Uma vez postas de lado as antigas convicções teóricas, a fenomenologia reconhecerá que não existe “norma absoluta” do verdadeiro, e que nem mesmo o “em si” evocado pelas ciências pode desempenhar o papel dessa norma (MOURA, 2001: 196-197)”.

procedimento inicial de investigação), o que teremos de mais importante e provocador de uma série de inquietações é o problema de fundamentação de uma lógica transcendental. Ela nos remete a uma dimensão ontológica, pois somos levados a abrir o debate sobre a problemática da constituição do mundo e de nós mesmos (do Eu) no plano de uma consciência imanente. Mas não podemos deixar de ressaltar uma questão extremamente relevante: a idéia anteriormente entendida de “constituidora do objeto” vai exibir uma “carência” que não a deixa plenamente “autônoma”. O objeto com “*princípio*” da constituição transcendental. Logo, esbarraremos numa relação de reciprocidade consciência - objeto e chamaremos esta relação de implicação. Conseqüentemente, não haverá mais motivos para afirmar que Husserl se mantém no solipsismo.

Se o objeto é um efeito ou produto de uma intencionalidade que o constitui, ela mesma, condição necessária para uma consciência transcendental, se apresentará como dependente do objeto. É como se em lugar de uma progressão: consciência - objeto, falássemos agora de uma regressão: objeto - consciência, já que o objeto-mundo passa a exercer uma máxima importância para a edificação do pensamento husserliano. O objeto aparece como exemplo fáctico de sua idéia correlativa e por outro lado, a idéia aparece como o exemplar ideal de sua realização fáctica. É como se fosse um ato de normatização recíproca da idéia pelo fato e do fato pela idéia. É como se afirmássemos que o ego, outrora constituinte, não se bastasse ou se suportasse enquanto uma consciência vazia e se dinamisasse compulsivamente na ordenação de um mundo de significados, contornos e formas. Ou seja, se o ego é ato puro de constituição do mundo, ele também se faz e se consolida porque

está em direção a “alguma coisa” e neste ato de constituição de algo, ele também se inventa e se descobre. É como se o objeto remetesse o ego/sujeito à sua originalidade. Dessa forma, Husserl, não mais solipsista, se vê às voltas com a intersubjetividade. O assunto é abordado, como já falamos anteriormente na *Quinta Meditação Cartesiana* (2001). O objeto-mundo em Husserl é possibilidade. Mas esse mundo como nos é apresentado por uma fenomenologia carece de um melhor entendimento - como aparece os conteúdos do objeto em minha consciência?

A exigência, anteriormente afirmada por nós, de em Husserl observarmos uma luta para se encontrar a verdade acerca dos objetos, impulsiona um outro aspecto de igual relevância e que ele enfatiza, não só na última *Meditação Cartesiana*, mas também na 5^o lição de *A Idéia de Fenomenologia*: Como podemos garantir que a constituição pelos “modos de ser” da subjetividade transcendental nos revela a estrutura íntima dos objetos como uma síntese da intencionalidade?⁷

Podemos responder tal questionamento utilizando a seguinte afirmação: a intencionalidade é uma tendência constitutiva da consciência para o objeto. Ela é uma descrição realista de uma lógica idealista. E tal lógica origina-se pela subjetividade transcendental que se encaminha para uma finalidade que é a do objeto como ponto de chegada. Ela, por fim, indica uma direção. Novamente nos vimos diante do problema do sujeito (enquanto consciência transcendental). Necessitamos então fazer duas considerações importantes que diretamente se associam: 1^a - em relação à questão da verdade e 2^a - a idéia de fundamento último. Vinculando as duas considerações, não fica difícil entender que para Husserl a verdade está onde a evidência elimina qualquer argumento da dú-

⁷⁾ Na 5^a Lição do texto *A Idéia da Fenomenologia*, Husserl nos dá algumas pistas: “O ponto de partida foi a evidência da cogitatio. A princípio, pareceu que tínhamos um solo firme, genuíno/puro ser. Aqui, haveria apenas que agarrar e ver. Facilmente se podia conceder que, a propósito destes dados, era possível comparar e distinguir, extrair universalidades específicas e assim juízos de essências. Mas, agora, revela-se que o puro ser da cogitatio, numa consideração mais precisa, não se exhibe como uma coisa tão simples, mostrou-se que já na esfera cartesiana se “constituem” diferentes objectalidades, e o constituir significa que os dados imanentes não estão simplesmente na consciência como uma caixa - como de início se afigura -, mas que se exibem respectivamente em algo assim como ‘fenômenos, em fenômenos que não são eles próprios os objetos nem contêm como ingredientes os objetos; fenômenos que, na sua mutável e muito notável estrutura, criam de certo modo os objetos para o eu, na medida em que precisamente se requerem fenômenos de tal índole e tal formação para que exista o que se chama de “dado”. (HUSSERL: s/d, p.101-102)”.

vida. E o que em Husserl se apresenta com uma evidência tão radical e clara? O “eu puro”. Límpido e alvo. É nessa consciência pura que o objeto-mundo encontrará a sua significação e existência.

Mas Husserl nos obriga a esboçarmos uma questão que acreditamos relevante na exploração da temática da evidência absoluta: uma evidência absoluta não pode admitir em seu conteúdo variantes de intensidade e de multiplicidade. E ao falarmos do conhecimento do objeto-mundo, estamos pensando que ele se dá num fluxo intermitente de variações incessantes. Sendo assim, não podemos falar de evidência absoluta diante deste quadro. O conhecimento fica deficiente, finito e sem a possibilidade de evidenciarmos. Com isso, a idéia de evidência absoluta se afasta. Continuamos presos ao mundo da sombra, dos simulacros, das contingências? Por mais atenção que eu venha a ter na reflexão acerca dos estados de coisas, ainda assim, haverá sempre uma abertura diante do fluxo do movimento contínuo dos objetos sensíveis para a irreflexão (ele falará sobre isso na Quarta Meditação Cartesiana).

Este problema que se apresenta a Husserl não o afasta da sua inquietação em direção à verdade. No mesmo instante que a crença na verdade absoluta e evidente se tornou inatingível (pelo menos em se tratando das coisas, dos objetos empíricos), pode-se dizer que a busca por ela passa a ser perseguida com mais rigor e método. Mas a verdade que agora se pretende é a evidência absoluta do fenômeno. Husserl não admite a impossibilidade de pensar o mundo, de um mergulho infinito em suas obscuridades e de lá nunca mais sair. Ele não fecha os olhos à claridade de um mundo expresso, mesmo ciente das nossas deficiências metodológicas para se chegar a uma verdade evidente.

Considerações finais

É a finitude e a deficiência que nos possibilita a crítica. Toda evidência absoluta elimina qualquer chance da dúvida. E é na finitude de nossa atividade de pensar que temos que fundamentar as razões sufi-

cientes para estabelecer a verdade ou o conhecimento, escapando dos limites das experiências meramente psicológicas, que por sinal, são sempre parciais e relativas. Para Husserl, esse é o esforço constante, ou seja, o vivido psíquico deve repousar sobre o vivido lógico e transcendental, o qual consiste na produção pela consciência universal de objetos ideais. Essa produção longe de ser arbitrária, do contrário, obedece à essência dos objetos, isto é, à sua apresentação enquanto estado vivido: o expresso imediato do objeto ou o “ser dado do objeto”. E aquilo que é dado pode ser descrito fenomenologicamente.

Chegaremos neste entendimento do objeto pela redução fenomenológica. É ela que nos permite, segundo Husserl, abrir o campo da vida da consciência (chamado por ele de campo transcendental), tomando clara as operações (atos da consciência) que fazem com que o objeto representável seja dado. É a redução como método que nos leva a um tipo de “princípio suficiente” (como falamos anteriormente), nos proporcionando as condições e as possibilidades em se alcançar à relação essencial e primeira entre consciência, objeto e a respectiva constituição do ego/sujeito. Husserl abre a *Quarta Meditação Cartesiana* tocando neste ponto, que é por sinal, um problema que garante o pleno desenvolvimento da Fenomenologia. Vejamos:

“Os objetos só existem para nós e só são o que são como objetos de uma consciência real ou possível. Se esta proposição precisa ser algo diferente de uma afirmação no ar ou um tema de especulações vazias, ela deve ser comprovada por uma explicitação fenomenológica correspondente. Só uma pesquisa que abordasse a constituição no sentido mais amplo, indicado anteriormente, e em seguida no mais restrito que acabamos de descrever, poderia levá-la a efeito. E isso segundo o único método possível de acordo com a essência da intencionalidade e de seus horizontes. Já as análises preparatórias que nos conduzem à inteligência do sentido do

problema destacam o fato de que o ego transcendental (e, se considerarmos sua réplica psicológica, a alma) é aquilo que ele é unicamente em relação aos objetos intencionais (...) (HUSSERL, 2001: 81)".

Husserl elabora sua filosofia transcendental a partir do entendimento de que é na consciência pura que se encontra o ser absoluto doador de sentido a toda transcendência. É essa intenção que dá sentido ao mundo.

Em sua obra *A idéia da Fenomenologia* (1907), na *Primeira Lição e Segunda Lição* Husserl propõe o debate sobre o problema do conhecimento e porque não dizer, do pensamento, dado que ele tratará do "verdadeiro pensamento" como uma atitude filosófica, e afirma que se trata "dos mais profundos e mais difíceis problemas, em suma, do problema da possibilidade do conhecimento" (Id. *Ibidem*, p.42). Tal proposição, de inspiração notadamente kantiana, nos remeterá às mesmas indagações de Descartes, ou seja, da necessidade de se estabelecer um princípio universal que possibilite o estabelecimento de verdades acerca de um pressuposto. Parece-nos bem claro a proposta de Husserl na defesa de um pressuposto enquanto condição para o conhecimento. É o pressuposto do Eu Penso - Eu Sou como estatuto e dado absoluto. É como se pensássemos o sujeito como um puro ver intencional ou como movimento dinâmico diante da experiência da idéia para se atingir a região da consciência transcendental purificada, alcançando uma base fundadora do mundo e autofundadora, isto é, uma reflexão sobre si mesmo.

Bibliografia

HUSSERL, Edmund. *Logique formelle et logique transcendantale. Essai d'une critique de la raison logique*. Trad. de Suzanne Bachelard. Paris: Presses Universitaires de France, 1957, 447, p.

HUSSERL, E. *Meditações Cartesianas. Introdução à Fenomenologia*. Trad. Frank de Oliveira. São Paulo: Madras, 2001, 173 p.

HUSSERL, E. *A idéia de Fenomenologia*. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, s/d.

HUSSERL, E. *La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendantale*. Trad. Gerard Granel. Paris: Gallimard, 1976, 589 p.

HUSSERL, E. *A Filosofia como ciência do rigor*. Trad. Albin Beau. Coimbra: Atlântida, s/d, 74 p.

HUSSERL, E. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures*. Trad. De l'allemand par Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1950, 567 p.

KELKEL, Arion L. e SCHÉRER, René. *HUSSERL*. Trad. Joaquim João Coelho Rosa. Lisboa: Edições 70, s/d, 119 p.

MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. Husserl nos limites da fenomenologia; Husserl: significação e existência; A invenção da crise; cartesianismo e fenomenologia: exame de paternidade. In. *Racionalidade e Crise. Estudos de História da Filosofia Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora da UFPR, p. 133-236, 2001.

PELIZZOLI, Marcelo Luiz. A subjetividade e a intersubjetividade no registro transcendental da fenomenologia de Husserl. In. *O Eu e a diferença. Husserl e Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 20-96, 2002.

